

# A COMERCIALIZAÇÃO DA CARNE VERDE EM MARIANA: 1774-1806

José Guilherme Ribeiro  
Professor aposentado do Departamento de História da UFOP

**Resumo:** Com base na série do subsídio literário dos açougues do termo de Mariana, no período de 1774 a 1806, analisa-se o comportamento da economia marianense. A demanda de carne reflete a urbanização e o nível de atividade econômica. Com base nos dados, são tecidas hipóteses sobre a evolução da demanda e sobre a sua distribuição entre as freguesias do termo. O objetivo é refletir sobre algumas das transformações da economia mineira na passagem do século XVIII ao XIX.

**Palavras-chave:** Nível de atividade – século XVIII; Termo de Mariana; Carne Verde

**Código:** RWZR0A-211

## *I. Introdução*

Esse trabalho corresponde a um primeiro levantamento dos dados do subsídio literário dos açougues de Mariana, MG. A série está no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana, e vai de 1774 a 1809. Os dados deste trabalho foram recolhidos em fevereiro de 2004<sup>1</sup>. A série completa será recolhida ao longo do primeiro semestre de 2004. A intenção dessa comunicação é apresentar os resultados iniciais da pesquisa, a partir de uma amostragem limitada dos dados. As conclusões são bastante preliminares, e são apresentadas apenas com a intenção de mostrar as potencialidades da documentação.

O subsídio literário dos açougues era um imposto cobrado pelo gado abatido nas cidades. Cada dono de corte manifestava, trimestralmente, a quantidade de reses cortadas, o local e o imposto pago. Nesse primeiro momento, dividi a série em quatro triênios (1774-76, 1784-86, 1794-96 e 1804-06) e fiz o levantamento dos dados relativos a cada período. As considerações que se seguem foram feitas com base nesse trabalho.

Inicialmente, seria necessário refletir um pouco sobre as condições do mercado de carne, no período colonial. A carne se caracteriza por ser uma mercadoria perecível, e não haviam na época técnicas de conservação que preservassem seu estado original, como o congelamento ou o resfriamento. Isso implica que os mercados da carne verde eram locais, ficando limitados às dimensões dos núcleos urbanos. Como a carne se conservava por pouco tempo, os vendedores trabalhavam sem estoque, e procuravam se adequar às condições da demanda.

---

<sup>1</sup> Os dados foram recolhidos por mim, e por Izabella Fátima Oliveira de Sales e Maria Teresa Gonçalves Pereira, historiadoras formadas pelo Curso de História da UFOP, a quem agradeço a colaboração.

Que fatores determinariam essa demanda? Sem pretender um tratamento aprofundado, pode-se dizer que a demanda pela carne verde está influenciada por quatro ordens de fatores. São eles o crescimento da população, as variações na renda, as características estruturais da economia e o grau de urbanização de uma região.

As características estruturais da economia, que acho relevantes, são o quadro das atividades desenvolvidas e sua distribuição setorial (agricultura, pecuária, mineração, artesanato, comércio, serviços). Interessa ainda o grau de mercantilização da produção, o grau de especialização e de divisão do trabalho.

Pode-se dizer que, dos fatores apontados, três são estruturais, e variam apenas a médio e longo prazo (urbanização, população e estrutura econômica). O quarto fator (renda), varia também no curto prazo.

Nunca é demais ressaltar que, entre 1770 e 1810, a economia mineira passava por transformações de grande monta. Os poucos dados disponíveis sobre a demografia, a estrutura urbana, e a estrutura econômica indicam modificações substanciais. O estudo do abate de carne verde em Mariana liga-se a essa problemática. Seu estudo pode iluminar um aspecto relevante da economia mineira em fins do século XVIII.

## **II. Comportamento das vendas**

As tabelas e gráficos a seguir mostram a evolução do imposto sobre o abate de gado em Mariana, no período de 1774 a 1806. Antes de analisá-las, devo fazer uma advertência. Os dados recolhidos mostram uma baixa acentuada do imposto em 1804. O imposto verificado em 1804 (80\$192) foi menos da metade do recolhido em 1796 (181\$033). Esse movimento, porém, foi devido a problemas de registro. Com efeito, os dados de 1804 referem-se apenas aos dois primeiros trimestres do ano. Para a elaboração das tabelas seguintes, levei em conta o valor anualizado do imposto de 1804 (160\$384), tendo feito o mesmo com o número de registros (18). Para reforçar nossa estimativa, tive o cuidado de verificar a sazonalidade dos abates: o primeiro semestre do ano corresponde, para o período que vai de 1774 a 1796, a 50% do valor anual.

Valores totais por triênio Mariana 1774-1806			
Triênio	Contagem	Total	Média
1774-76	352	1814\$514	5\$155
1784-86	286	624\$741	2\$184
1794-96	187	585\$406	3\$131
1804-06	68	624\$317	9\$181

**Tabela 1 – Valor trienal do imposto sobre o gado - Mariana - 1774-1806**

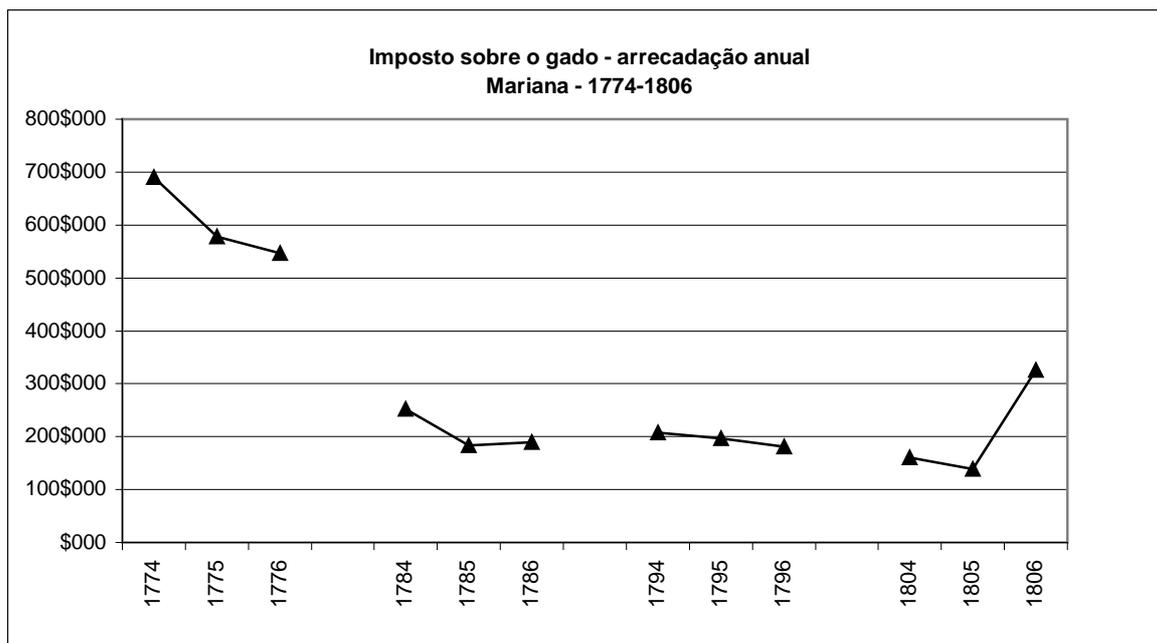
A Tabela 1 mostra a arrecadação do imposto sobre o gado entre 1774 e 1806, por triênios. Em 1774-76, o imposto arrecadado somou a quantia de 1.814\$514. Daí, até o segundo triênio (1784-86), há uma queda acentuada. O imposto arrecadado em 1784-86 chegou a apenas 624\$741, o que representa cerca de um terço do total arrecadado dez anos antes. A partir de 1784-86 até 1794-96, o valor arrecadado declina levemente, totalizando 585\$406. Em 1804-06 há uma ligeira recuperação, com o imposto atingindo os níveis de vinte anos antes (624\$317).

Contagem, valores totais e médios por ano Mariana 1774-1806			
Ano de referência	Contagem	Total	Média
1774	92	690\$328	7\$504
1775	126	578\$028	4\$588
1776	134	546\$158	4\$076
1784	107	252\$677	2\$361
1785	91	183\$008	2\$011
1786	88	189\$056	2\$148
1794	71	208\$100	2\$931
1795	65	196\$273	3\$020
1796	51	181\$033	3\$550
1804	18	160\$384	8\$910
1805	22	138\$493	6\$295
1806	28	325\$440	11\$623

**Tabela 2 - Valor anual do imposto sobre o gado - Mariana 1774-1806**

Os dados anuais, mostrados na Tabela 2, acima, refletem a tendência do imposto em cada triênio. Verifica-se uma tendência inicial de queda acentuada, partindo de um patamar relativamente elevado em 1774 (690\$328). Essa tendência permanece até 1785, quando o imposto recolhido foi de apenas 183\$008. A partir de 1785, há uma estabilização relativa, e o imposto passa a variar menos que no primeiro período. Nesse segundo momento, existe uma leve alta entre 1785 (183\$008) e 1794 (208\$100), seguida de um declínio suave até 1805, quando a série atinge o mínimo de 138\$493. Em 1806, o imposto arrecadado se recupera para 325\$440. Essa quantia é bastante expressiva, e não foi alcançada em qualquer ano posterior a 1776. Existe uma tendência de crescimento a partir de 1805. A análise desses dados pode ser reforçada com a consulta ao gráfico da Figura 1, abaixo.

Com base nas análises feitas até agora, podemos fazer uma tentativa de periodização. Os dados parecem sugerir a existência de três momentos. Um primeiro, que vai de 1774 a 1785, representa um ponto de partida relativamente elevado, com forte tendência de queda da arrecadação. Segue-se uma acomodação num patamar mais reduzido, com leve tendência de queda, no período que vai de 1785 a 1805. Os dados de 1806 sugerem uma possível recuperação, que viria logo a seguir.



**Figura 1 - Arrecadação anual do imposto sobre o gado - Mariana - 1774-1806**

A periodização proposta, mesmo preliminar, pode ser comparada com outras periodizações da história de Mariana, para o mesmo intervalo de datas.

Em artigo publicado em 1995, Carla Maria Carvalho de Almeida propõe a divisão da história de Mariana, entre 1750 e 1850, em três períodos. Essas fases foram estabelecidas com base em informações dos inventários, como o monte-mór, o número de pessoas livres arroladas e o rebanho inventariado, além de outras informações qualitativas. Segundo ela, o primeiro período iria de 1750 a 1770, correspondendo ao auge minerador, indicando uma etapa em que, mesmo com a crise da mineração, a extração do ouro ainda seria suficientemente importante para puxar a economia. O segundo período vai de 1780 a 1810, e foi qualificado como o período da “acomodação evolutiva”. Isso indica que a economia passa por um período de ajustamento, em que a mineração já não pode comandar o crescimento da região, que se direciona progressivamente para a agricultura e para a pecuária. O terceiro período, de 1820 a 1850, caracteriza-se pelo predomínio da “economia mercantil de

subsistência”. Essa seria a estrutura econômica prevalecente em Mariana, que se dinamizaria, direcionando-se para o mercado interno, principalmente depois da vinda da Corte para o Rio de Janeiro.<sup>2</sup>

Outro exercício foi feito por Laird Bergad, em artigo publicado em 1994. Seu objetivo é estudar a evolução do preço dos escravos, a partir dos inventários *post-mortem* do termo de Mariana. O autor divide a evolução do preços dos escravos entre 1750 e 1808 em três fases. A primeira vai de 1750 a 1773, e é marcada pela queda contínua do preço dos escravos, influenciada pelo declínio da economia mineratória. Entre 1773 e 1796, que corresponde à segunda fase, o preço dos escravos se estabiliza, em níveis mais baixos do que os do apogeu da mineração. Esse período seria marcado pela reordenação da economia, com o declínio da mineração e o crescimento da agricultura de subsistência, da agricultura comercial orientada para mercados locais e pela diversificação das atividades econômicas. O terceiro período, após 1796, é marcado pelo crescimento significativo do preço dos escravos. Esse crescimento relaciona-se à diversificação atingida no período anterior e ao reforço dos vínculos com áreas como Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, que passam por uma nova fase de crescimento econômico. Esses fatores tiveram como consequência uma reativação geral do mercado de escravos.<sup>3</sup>

Existem algumas diferenças entre esses trabalhos, que não vem ao caso aprofundar aqui. A principal talvez seja que Almeida pretende uma periodização geral para a economia de Mariana, enquanto Bergad se prende aos movimentos do mercado de escravos. Mas não se pode esquecer que o escravo é a principal forma da riqueza, e o principal meio de produção, no sistema escravista.

São vários os pontos em comum dos dois trabalhos. Podemos ressaltar que, de maneira geral, os dois distinguem três momentos, um correspondendo à crise do período minerador, um segundo de modificações estruturais e um terceiro, de crescimento da economia transformada. As datas-limites são mais ou menos coincidentes, exceto para o início do período de retomada, que Carla Almeida localiza em 1810, enquanto Laird Bergad posiciona em 1796.

Embora bem preliminares, os dados do imposto sobre o gado parecem confirmar, em linhas gerais, essas tentativas de periodização. Em especial, parecem reforçar a idéia de que as décadas de 1780 e 1790 correspondem a um período mais ou menos homogêneo, de relativa

---

<sup>2</sup> ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. Minas Gerais de 1750 a 1850: bases da economia e tentativa de periodização. *LPH: Revista de História*, Mariana, n. 5, 1995. p. 88-109. V. especialmente p. 100 e seguintes.

estabilidade, ou suave declínio, nas taxas de crescimento em Mariana. Isso indica que a economia se move, em busca de alternativas para conter a crise. Indica que a economia não se desorganiza totalmente, embora não encontre forças para retomar as taxas de crescimento anteriores. O movimento da economia é, desse modo, bem mais suave do que nas décadas anteriores.

Apesar da diferença nas datas-limite, também é reforçada a afirmação de Bergard de que o período que vai de 1750 até fins da década de 1770 é marcado pelo forte declínio da economia, caracterizado pela queda dos preços dos escravos e da quantidade de gado abatido. Temos dados para apenas um ano, depois de 1805, mas o dado de 1806 parece reforçar a hipótese de uma recuperação da economia marianense no início do século XIX.

### III. Distribuição regional

Distribuição regional do imposto - 1774-1806				
Local	Contagem	Valor total	Valor médio	%
Mariana	145	1150\$930	7\$937	32%
Piranga	147	456\$706	3\$107	13%
Sumidouro	141	416\$440	2\$953	12%
Passagem	59	348\$318	5\$904	10%
Inficionado	65	249\$836	3\$844	7%
Catas Altas	43	171\$316	3\$984	5%
Furquim	51	149\$288	2\$927	4%
Antônio Pereira	55	144\$928	2\$635	4%
São Caetano	44	134\$464	3\$056	4%
São Sebastião	39	118\$264	3\$032	3%
Camargos	46	106\$624	2\$318	3%
Barra Longa	29	78\$440	2\$705	2%
Morro de Sant'Ana	11	27\$552	2\$505	1%
Morro da Água Quente	3	7\$168	2\$389	0%
Bento Rodrigues	5	6\$048	1\$210	0%
Não identificado	1	2\$464	2\$464	0%
TOTAL	884	3568\$786	4\$037	100%

**Tabela 3 - Distribuição regional dos abates - Mariana - 1774-1806**

A distribuição do imposto sobre o gado em Mariana, em 1774 a 1806 está mostrado na Tabela 3. O mercado é medianamente concentrado geograficamente. A Cidade concentra 32% do abate total de gado. Os maiores centros, fora a sede, são Piranga, Sumidouro, Passagem, Inficionado e Catas Altas. Essas localidades concentram 46% das vendas de carne do termo

<sup>3</sup> BERGAD, Laird. Depois do *boom*: aspectos demográficos e econômicos da escravidão em Mariana, 1750-

de Mariana. A seguir, vêm Furquim, Antônio Pereira, São Caetano, São Sebastião, Camargos e Barra Longa. Sua participação é de 20% das vendas. As três localidades menores (Morro de Sant'Ana, Morro da Água Quente e Bento Rodrigues) aparecem em apenas um triênio, e têm participação residual.

Valor do imposto por localidade								
Local	1774-76		1784-86		1794-96		1804-06	
	Valor	Percent	Valor	Percent	Valor	Percent	Valor	Percent
Antônio Pereira	91\$168	5%	12\$320	2%	6\$720	1%	34\$720	6%
Barra Longa	33\$600	2%	21\$280	3%	17\$960	3%	11\$200	2%
Camargos	22\$400	1%	62\$048	10%	20\$608	4%	3\$136	1%
Catas Altas	138\$164	8%	25\$088	4%		0%	11\$648	2%
Furquim	65\$184	4%	53\$656	9%	21\$488	4%	8\$960	1%
Inficionado	153\$216	9%	35\$622	6%	38\$598	7%	22\$400	4%
Mariana	604\$546	34%	175\$839	28%	155\$892	27%	261\$917	42%
Passagem	229\$150	13%	30\$912	5%	30\$016	5%	68\$096	11%
Piranga	180\$144	10%	77\$728	12%	137\$650	24%	61\$184	10%
São Caetano	45\$024	3%	22\$400	4%	30\$016	5%	37\$024	6%
São Sebastião	45\$848	3%	25\$312	4%	6\$720	1%	47\$104	8%
Sumidouro	165\$302	9%	82\$536	13%	117\$274	20%	56\$928	9%
TOTAL	1773\$746	100%	624\$741	100%	582\$942	100%	624\$317	100%

Obs: Não foram computados no total as localidades de Bento Rodrigues, Morro da Água Quente, Morro de Sant'Ana e um local não identificado, em 1794-96. Há um registro, em 1806, relativo a Mariana e Passagem. Seu valor foi dividido em dois, e acrescentado às duas localidades citadas. Os valores de 1804 foram anualizados.

**Tabela 4 - Distribuição regional do imposto sobre o gado - Mariana - 1774-1806**

A Tabela 4, acima, mostra o comportamento, por freguesias, do imposto sobre o gado.

Observando-se a evolução até 1794-96, nota-se um movimento complexo, em termos de concentração espacial. O primeiro elemento desse processo pode ser visto na redução da participação percentual da sede do termo, que cai de 34% em 1774-76 para apenas 27% em 1794-96. Nesse triênio, existem mais duas localidades cuja demanda de carne são comparáveis à da cidade. São elas as freguesias de Piranga, com 24% do imposto arrecadado, e Sumidouro, com 20% do total. A freguesia de Passagem, que detinha 13% da arrecadação em 1774-76, cai para apenas 5% em 1794-96.

Uma outra tendência pode ser vista na tabela citada. Piranga e Sumidouro ocupam também o espaço reservado às pequenas localidades. Isso pode ser visto quando medimos a participação das cinco maiores localidades. Apesar da queda de participação da Cidade e de Passagem, a porcentagem ocupada por este conjunto sobe de 75%, no primeiro triênio, para

83%, no último. Esse crescimento se explica principalmente pela evolução de Piranga e de Sumidouro. Em conjunto, a participação dessas duas localidades cresce de 19% para 44%.

O que significam essas tendências? Em primeiro lugar, é necessário lembrar a conjuntura do período. Até 1785, a economia passa por uma fase de baixa acentuada, encontrando certa estabilização a partir daí. Nesse contexto, Piranga e Sumidouro conseguem apoiar-se em atividades menos atingidas pela crise, resistindo melhor à tendência recessiva, e afirmando-se, com maior sucesso, no segundo momento. A Cidade tem um recuo na sua participação, ao passo que o movimento, seja de queda, seja de elevação, é menos expressivo nas outras localidades. O resultado é um núcleo, formado pelas maiores localidades, mais distante das demais, em termos de população e de recursos, mas mais homogêneo, quando considerado dentro de si mesmo.

A análise precedente é reforçada pelo cômputo do Coeficiente de Gini. Na Tabela 5 vêm-se os cálculos para Mariana, entre 1774 e 1806. Verifica-se que o índice de concentração cai, ao longo do século XVIII, de um máximo de 0,5134 em 1774-76, para um mínimo de 0,4322 em 1794-96. O século XIX vê a tendência se inverter, e o índice de concentração em 1804-06 sobe, novamente, para um valor igual a 0,5870.

Coeficientes de Gini Mariana - 1774-1806	
Período	Coeficiente
1774-76	0.5134
1784-86	0.4383
1794-96	0.4322
1804-06	0.5870
1774-1806	0.4755

**Tabela 5 - Concentração regional da demanda - Mariana - 1774-1806**

Prosseguindo na observação dos dados até 1796, vejo outra possibilidade de leitura da Tabela 4. Trata-se de analisar a tendência do imposto pelas localidades, ao longo do tempo.

Podemos primeiramente distinguir um grupo de localidades que tiveram uma indiscutível queda de participação, tanto absoluta quanto relativa, na arrecadação do imposto. Esse grupo reúne as localidades de Antônio Pereira, Catas Altas, e Passagem de Mariana. O caso mais expressivo é o de Passagem, que em 1774-76 era a segunda localidade na arrecadação do imposto, representando 13% do total, e em 1794-96 caíra para um modesto 5º lugar, com apenas 5% do total. Esses foram os lugares em Mariana, segundo o registro de carnes, onde mais se sentiu a crise dos últimos trinta anos do século XVIII.

Um outro grupo de localidades destaca-se, por contraste. São aquelas freguesias, em parte já mencionadas, que sentiram a crise dos anos 70, mas se recuperaram nas décadas seguintes. São elas Piranga, São Caetano e Sumidouro. Entre 1784-86 e 1794-96 essas localidades viram crescer, em termos absolutos, arrecadação do imposto sobre o gado abatido. A participação percentual dessas três localidades no imposto passa de 22%, em 1774-76, para 49% em 1794-96. Pode-se dizer que esse é, ainda segundo o imposto sobre o gado, o núcleo dinâmico da economia de Mariana, no período.

Finalmente, restam as localidades que sentiram menos intensamente do que outras os impactos da crise da década de 1770, mas que viram seu dinamismo se reduzir nas décadas seguintes. Esse é o caso de Barra Longa, Camargos, Furquim e São Sebastião. Desses, merece menção o caso de Camargos, que viu a sua arrecadação crescer, em termos absolutos, entre 1774-76 e 1784-86, mas declinar a seguir. Esse é o conjunto de freguesias que tiveram um desempenho instável, no período analisado. Talvez seja possível incluir nesse grupo o Inficionado, apesar dele seguir um movimento oposto ao do restante do grupo, com uma queda inicial e uma elevação entre o segundo e o terceiro triênios.

Tendência do imposto sobre o gado 1774-1806			
Local	Variação		
	1774-96	1796-1806	Inversão
Antônio Pereira	Decrescente	Crescente	Sim
Barra Longa	Instável	Decrescente	Não
Camargos	Instável	Decrescente	Não
Catas Altas	Decrescente	Decrescente	Não
Furquim	Instável	Decrescente	Não
Inficionado	Instável	Decrescente	Não
Mariana	Decrescente	Crescente	<b>Sim</b>
Passagem	Decrescente	Crescente	<b>Sim</b>
Piranga	Crescente	Decrescente	<b>Sim</b>
São Caetano	Crescente	Crescente	Não
São Sebastião	Instável	Crescente	Sim
Sumidouro	Crescente	Decrescente	<b>Sim</b>

**Tabela 6 - Tendências da arrecadação do imposto sobre o gado - Mariana - 1774-1806**

A análise anterior, é sistematizada na Tabela 6, acima. Nela, assinalamos como *decrescente*, *crescente* ou *instável* o desempenho de cada um dos grupos anteriormente analisados. Fizemos a mesma avaliação, em termos de comportamento *crescente* ou *decrescente*, para a arrecadação do imposto em 1804-06, comparada com o triênio anterior.

Na última coluna, observamos se a tendência de 1804-06 inverte ou conserva a tendência verificada desde 1774.

O que a tabela traz de interessante é exatamente a análise da última coluna. O início do século XIX parece ser, segundo os registros de carne de Mariana, um período atípico para a região. Com efeito, quatro das principais freguesias do termo viram a tendência que vinham seguindo até então se inverter. Piranga e Sumidouro, que classificamos no grupo das localidades mais dinâmicas anteriormente, viram a sua participação absoluta e relativa declinar. Ao mesmo tempo, Mariana (Cidade) e Passagem, que vinham declinando, se fortaleceram novamente.

Para explicar esse movimento, não temos mais do que hipóteses bem iniciais. O fortalecimento da Cidade pode ter a haver com a recuperação do comércio, que admite-se poder ter ocorrido no período. A recuperação de lugares como Passagem e Antônio Pereira, por sua vez, só poderia ser explicada por uma reativação da atividade mineradora. O declínio de Piranga e do Sumidouro resta por explicar. Os movimentos do século XIX, como um todo, precisam ser analisados com maior profundidade, e demandam um esforço que extrapola os limites dessa comunicação.

Uma outra possibilidade de análise é comparar a distribuição do imposto com a estrutura de ocupações dos distritos de Mariana.

Um trabalho que pode auxiliar nessa tarefa é o de Francisco Eduardo de Andrade<sup>4</sup>. O autor traça, com base nas listas nominativas de Mariana de 1819 a 1822, a estrutura ocupacional de algumas freguesias. Transcrevo abaixo, na Tabela 7, os dados coletados por ele. Embora para um período posterior ao dos dados dessa comunicação, pode-se fazer o cruzamento da estrutura das ocupações, revelada por ele, com a análise do imposto sobre o gado, formalizada na Tabela 6, na página 10. A comparação das tabelas indica que as localidades em que, em 1820, predominam as atividades agrícolas, como São Caetano e Furquim, estão classificadas, no imposto sobre o gado, como tendo um desempenho positivo ou instável a partir de 1774. Ao contrário, Antônio Pereira, que em 1820 era localidade predominantemente mineratória, teve um desempenho negativo, no período.

---

<sup>4</sup> ANDRADE, Francisco Eduardo de. *A enxada complexa: roceiros e fazendeiros em Minas Gerais na primeira metade do século XIX*. Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, 1994. Os dados citados são do cap. 2, p. 56-95.

Estrutura das ocupações - Mariana - 1820							
Freguesia	Agricultura	Artesanato	Transporte	Comércio	Mineração	Jornaleiro	Total
Furquim	45%	26%	4%	5%	4%	16%	100%
São Caetano	64%	8%	8%	1%	14%	5%	100%
Catas Altas	21%	48%	3%	3%	20%	5%	100%
Antônio Pereira	2%	17%	5%	21%	55%	0%	100%
N. S. Remédios	79%	10%	4%	7%	0%	0%	100%

**Tabela 7 - Estrutura das ocupações por freguesias selecionadas - Mariana – 1820**

Esses indícios reforçam a conclusão de que, na segunda metade do século XVIII, as atividades agrícolas eram mais dinâmicas do que as extrativas minerais, na região. Essa é a forma como se revela, em Mariana, a presença de uma tendência mais geral, que atingia toda a região das Minas.

#### **IV. O subsídio literário e o dízimo**

Essa seção será dedicado a verificar as possíveis relações entre a série dos dízimos e a do imposto sobre a carne no termo de Mariana. Os dados do dízimo são aqueles recolhidos por Ângelo Alves Carrara em sua tese de doutorado, e que consultamos em versão modificada, a que tivemos acesso por cortesia do autor.<sup>5</sup>

Existem boas razões para supor que ambas a séries estejam correlacionadas. Segundo Ângelo Carrara, a série dos dízimos mede a parcela da produção agrícola mercantilizada da capitania.<sup>6</sup> Por outro lado, a série do subsídio literário dos açougues, o imposto sobre o gado, reflete o ritmo da urbanização nos diversos aldeamentos. Parece sensato supor uma correlação entre ambas, na medida em que o desenvolvimento do comércio e dos núcleos urbanos estão interrelacionados.

A dificuldade, porém, aparece quando se comparam as séries efetivamente recolhidas. Enquanto ambos os impostos apontam para um declínio do ritmo de atividade econômica no período anterior a 1784, para os períodos posteriores, eles passam a divergir. Enquanto a série do subsídio literário, como venho analisando aqui, aponta para uma estabilização desde o final do século XVIII até 1805 (com possível elevação a partir daí), a série do dízimo aponta uma queda da arrecadação, entre o triênio de 1784-06 e o de 1805-07. Como explicar essa divergência?

<sup>5</sup> CARRARA, Ângelo Alves. *Produção rural e mercado interno de Minas Gerais – 1674-1807*. mimeo. Original cedido pelo autor.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 194-6.

É possível começar comparando a estrutura da arrecadação dos dois tributos no triênio de 1784-86. Para esse triênio, existem dados, tanto do dízimo, quanto do imposto sobre o abate de gado. O resultado dessa comparação está mostrado na Tabela 8, abaixo.

O que primeiro chama a atenção na tabela é a disparidade da arrecadação dos dois impostos na sede do termo. Enquanto Mariana responde por 46,1% da arrecadação do subsídio, recolhe apenas 3,5% do dízimo. Essa diferença, porém, é compreensível. Sendo Mariana a sede do termo e o seu principal centro urbano, é razoável que a produção agrícola mercantilizada seja reduzida em comparação com a de outras paragens. Ao mesmo tempo, em função da urbanização, compreende-se que ela seja responsável pela maior demanda de carne.

Valor do dízimo e do imposto sobre o gado - Mariana - 1784-86				
	Dízimo		Imposto sobre o gado	
Antônio Pereira	911 \$016	2.3%	12 \$320	3.2%
Barra Longa	6 513 \$422	16.3%	21 \$280	5.6%
Camargos	987 \$328	2.5%	62 \$048	16.3%
Catas Altas	1 505 \$400	3.8%	25 \$088	6.6%
Furquim	5 486 \$625	13.7%	53 \$656	14.1%
Inficionado	4 358 \$016	10.9%	35 \$622	9.3%
Piranga	11 306 \$343	28.2%	77 \$728	20.4%
São Caetano	3 574 \$171	8.9%	22 \$400	5.9%
São Sebastião	347 \$625	0.9%	22 \$400	5.9%
Sumidouro	5 090 \$344	12.7%	82 \$536	21.6%
Mariana	1 393 \$734	3.5%	175 \$839	46.1%
TOTAL	40 080 \$289	100.0%	381 \$478	100.0%

**Tabela 8 - Valor do dízimo e do imposto sobre o gado em Mariana - 1784-86**

É difícil, porém, estabelecer imediatamente se existe ou não correlação das duas grandezas, para as outras freguesias. Um teste seria, excluída a sede, dividir a lista em grupos (os maiores, os intermediários e os menores) e verificar a paridade das listas obtidas a partir dos dois tributos. O resultado desse exercício indicaria a existência de uma certa correlação: três dos quatro maiores são os mesmos nas duas listas; dois dos três menores são iguais, e todos os intermediários são coincidentes.

O ideal seria recorrer a uma medida estatística de correlação. Não tenho formação suficiente para uma análise sólida. A medida de correlação entre as duas séries (excluída a sede do termo), é de 0,546. Essa correlação é mediana, e é de difícil interpretação. Como se sabe, certas grandezas do coeficiente de correlação linear podem equivaler a relações

puramente aleatórias entre duas variáveis. Segundo orienta o manual de Paul Hoel<sup>7</sup>, para o número de observações da tabela (10 observações), uma medida superior a 0,549 poderia indicar que a relação entre as duas séries não é aleatória. Como se vê, é um valor bem próximo do obtido.

A conclusão seria pela existência de alguma relação entre as duas variáveis, embora essa relação, a nível de freguesia, não fosse extremamente acentuada. O próximo passo seria comparar as séries do subsídio literário e do dízimo.

Um primeiro exercício seria testar as relações por freguesia. Como os dados do dízimo para o século XIX são fragmentários, preferi começar analisando o movimento até 1784-86. É o que faço na Tabela 9, abaixo.

Valor do dízimo e do imposto sobre o gado – Mariana - 1750-86								
Freguesias	Dízimo				Imposto sobre o gado			
	1750-53		1784-86		1774-76		1784-86	
Antônio Pereira	1 294 \$406	2%	911 \$016	2%	91\$168	6%	12 \$320	3.2%
Barra Longa	4 690 \$406	8%	6 513 \$422	16%	33\$600	2%	21 \$280	5.6%
Camargos	2 167 \$125	4%	987 \$328	2%	22\$400	1%	62 \$048	16.3%
Catas Altas	4 141 \$500	7%	1 505 \$400	4%	138\$164	9%	25 \$088	6.6%
Furquim	8 113 \$359	14%	5 486 \$625	13%	65\$184	4%	53 \$656	14.1%
Inficionado	4 967 \$578	8%	4 358 \$016	11%	153\$216	10%	35 \$622	9.3%
Piranga	13 526 \$015	23%	11 306 \$343	27%	180\$144	12%	77 \$728	20.4%
São Caetano	3 940 \$125	7%	3 574 \$171	9%	45\$024	3%	22 \$400	5.9%
São Sebastião	1 362 \$563	2%	347 \$625	1%	45\$848	3%	22 \$400	5.9%
Sumidouro	10 788 \$281	18%	5 090 \$344	12%	165\$302	11%	82 \$536	21.6%
Mariana	3 848 \$344	7%	1 393 \$734	3%	604\$546	39%	175 \$839	46.1%
TOTAL	58 839 \$702	100%	41 474 \$023	100%	1544\$596	100%	381 \$478	100.0%

**Tabela 9 - Valor comparativo do dízimo e do subsídio literário - Mariana - 1750-1786**

Vê-se, pela Tabela 9, que os dois impostos declinaram em quase todas as freguesias, no período mencionado. A intensidade desse declínio, porém, não é a mesma para cada freguesia.

Uma forma de analisar esse movimento é distribuir as freguesias em grupos, verificando então o comportamento dos agregados. É o que é feito na Tabela 10. Nela todas as freguesias são agrupadas de acordo com o desempenho do subsídio literário de 1774 a 1796 (a classificação é feita na Tabela 6, página 10). Deve-se lembrar que a Tabela 10 refere-se a apenas uma parte do movimento que deu origem à classificação. Mais exatamente: nesse primeiro momento, as freguesias que se mostrariam mais dinâmicas em 1796 ainda têm uma

<sup>7</sup> Consultei o capítulo 9 do manual de HOEL, Paul. *Estatística elementar*. São Paulo: Atlas, 1981. p. 241-72. A tabela VI, p. 369, mostra que o valor crítico para verificar a correlação entre as variáveis, para 10 observações, é de 0,549.

participação menos expressiva do que as que, depois, se revelariam mais instáveis. A Tabela 10 mostra a participação percentual dos grupos de freguesias no imposto total, para o dízimo e para o subsídio, nos dois triênios. Lembro, finalmente, que esse é um momento de declínio acentuado, e que os *aumentos* de participação são apenas relativos, indicando grupos menos atingidos pela crise.

Dízimo e imposto sobre o gado por categorias – Mariana - 1750-1786				
Categoria	Imposto sobre o gado		Dízimo	
	1774-76	1784-86	1750-53	1784-86
Crescente	22%	29%	48%	48%
Instável	18%	32%	36%	43%
Decrescente	47%	34%	16%	9%
Não classificado	13%	5%	0%	0%

**Tabela 10 - Evolução do dízimo e do imposto sobre o gado - divisão em grupos - Mariana - 1750-1786**

Dito isso, a análise da tabela comprova que o movimento captado pelo subsídio também pode ser visto no dízimo. Com efeito, as freguesias menos vulneráveis, compostas pelos grupos *crescente* e *instável*, aumentam sua participação no dízimo entre os dois triênios, de um total de 84% para 91% da arrecadação. Entre os dois grupos, o mais resistente é o das freguesias que posteriormente se revelariam *instáveis*, exatamente como no subsídio literário. Ao mesmo tempo, as classificadas como *decrescentes* caem de 16% para 9% do valor do dízimo.

Esses dados reforçam a idéia de que os movimentos do dízimo e do subsídio literário são homólogos, principalmente quando tratamos as freguesias em grande grupos. Mas resta por explicar, ainda, a divergência das duas séries no final do século XVIII.

A análise dessa questão pode ser feita com base na Tabela 11, abaixo. Sua elaboração foi feita de modo a isolar a ausência de dados do dízimo para algumas freguesias do século XIX. Ela corresponde à série do dízimo e do subsídio literário, para os séculos XVIII e XIX, apenas para as freguesias para as quais há dados em 1805-1087. O resultado permite levantar uma hipótese para explicar a disparidade das duas séries.

A tabela permite ver que, para as freguesias onde há registros, a evolução dos dois impostos é semelhante. No período anterior a 1784-86, esperava-se que a queda do dízimo fosse mais acentuada do que a queda do subsídio. Isso não se verifica, e a queda acumulada pelo dízimo, da ordem de 23%, é bem menor que os 54% de queda do imposto sobre o gado. Mas isso pode ser explicado pela diferença dos cortes cronológicos, que dificulta a comparação entre um e outro imposto. Mais interessante é a coincidência no período após

1784-86. A queda acumulada, entre os dois últimos triênios, é exatamente igual para os dois impostos, da ordem de 22%.

Valor do dízimo e do subsídio literário				
Triênio	Dízimo		Subsídio	
	Valor	Índice	Valor	Índice
1750-53	47 388 \$327	129		
1774-76			688 \$318	218
1784-86	36 676 \$545	100	315 \$622	100
1804-06/1805-07	28 632 \$373	78	244 \$800	78

Obs: Valor relativo às freguesias de Barra Longa, Furquim, Inficionado, Piranga, São Caetano, São Sebastião e Sumidouro.

**Tabela 11 - Evolução comparativa do dízimo e do imposto sobre o gado - Mariana - 1750-1807**

A hipótese, ainda que preliminar, sugerida pela análise precedente é que a disparidade de comportamento entre as séries do dízimo e do subsídio literário deve-se à amostragem verificada em 1805-07. Os dados do dízimo estão disponíveis exatamente para um grupo de freguesias que apresenta, no seu conjunto, um viés de queda na arrecadação.

## V. Conclusões

Existe uma grande dificuldade de estabelecer os ritmos da atividade econômica em Mariana, se não em toda Minas, na virada do século XVIII para o XIX. Na bibliografia que citei nessa comunicação, por exemplo, temos, de um lado, a série de Bergad<sup>8</sup> mostrando um lento crescimento do preço dos escravos e, no extremo oposto, a série de Carrara<sup>9</sup>, mostrando um declínio da arrecadação dos dízimos. Conciliar essas informações contraditórias é difícil, e não me propus senão a levantar hipóteses de trabalho bem iniciais.

O que, de qualquer modo, a série do imposto sobre o gado permite sugerir, é que a tendência da virada do setecentos, seja ela de estabilização ou de declínio, é uma tendência suave, em comparação com a queda acentuada vigente até então. A economia marianense conseguiu deter o ritmo do declínio que a atingia, e buscava novas alternativas de crescimento.

Os dados da distribuição regional da demanda mostram que, nesse momento, afirmam-se algumas freguesias, de vocação agrária, que conseguem crescer em meio à adversidade. Porém, os mesmos dados mostram que a tendência de crescimento dessas freguesias não se afirma além da virada do século.

<sup>8</sup> BERGAD, *op. cit.*

<sup>9</sup> CARRARA, *op. cit.*

Não cabe nos limites dessa comunicação investigar os fatores que fizeram com que nenhuma região específica conseguisse se afirmar definitivamente. Basta assinalar que, em Mariana, a busca de alternativas econômicas, que caracteriza o final do século XVIII mineiro, não foi completamente bem sucedida.